

320/1

Trabalhador

R. DA LUTA, 1-C. 1-D-LISBOA
M. DE 1941

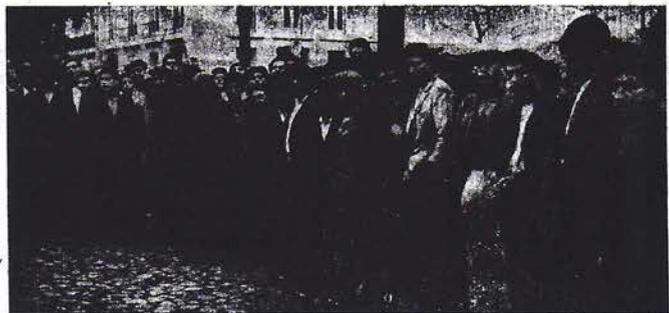
Director e Editor MANUEL DA ANUNCIADA SOARES
Redacção e Administração - Rua Capelo, 5-2.º, Esq.

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA REV. RENASCENÇA, L.D.A
QUINZENÁRIO - AVULSO \$30 N.º 168

RELIÇÃO

Do que é o triste e doloroso espectáculo

O «CONTO»



Um aspecto do «conto» nos meses de verão

No sábado de aleluia, enquanto perscrutava alguns dos melhores casos do Secretariado Económico-Social, compreendi bem esta verdade evangélica: uma pobre mulher, três filhos às caranchas, uma pela mão e mais outro atrelado, um outro que não era seu, um filho adoptivo, apesar dos seus 7 filhos, vinha pedir um emprêgo para o mais velhinho, rica com a sua própria miséria, para fazer bem ainda aos outros...

Divina caridade a da Religião! Os sinos tocam! Sinos de Páscoa! Sinos do Eterno Amor!...

CHARLES OULMONT

O cinquentenário da «Rerum Novarum»

Aproxima-se a data em que vamos ter ocasião de prestar a nossa homenagem às doutrinas que nos libertaram.

Quinze de Maio!

Há 50 anos, quando a voz do Sumo Pontífice ecoou pelo mundo inteiro, foi com espanto de uns, indignação de outros, mas com alegria da maior parte, que se ouviu a voz do velhinho Leão XIII, mais vibrante e firme do que nunca, mais poderosa e convincente do que todas!

Em defesa do operário, do seu salário, dos seus direitos, das suas esposas, dos seus filhos; proclamando que acima de todos os contratos havia uma norma de justiça que era preciso respeitar, Leão XIII assentou em rocha inabalável os alicerces do mundo novo, da economia nova, da sociedade nova!

Condenou o socialismo — remédio pior do que o mal — mas definiu os princípios duma organização corporativa que, respeitando os direitos da propriedade, a queria repartida entre todos, de forma a que todos participassem dos bens deste mundo.

Pio XI podia dizer em 1931, quarenta anos mais tarde, na sua

encíclica «Quadragesimo Anno», que as doutrinas de Leão XIII tinham sido adoptadas por muitos governos e que estavam dando os melhores e mais esperançosos resultados.

Entre nós, passaram-se 40 anos antes que os ideais do grande e sábio Pontífice começassem a despertar.

Hoje a «Rerum Novarum» e

(Continua na 4.ª página)

O «conto» é um espectáculo deprimente. Basta descer ao Cais do Sodré, em qualquer dia do ano, pelas 6,30 da manhã, para sentir crescer na alma a decisão de lutar para que se modifiquem as actuais condições em que se faz e que já veem de tempos remotos.

Para quem não sabe o que é o «conto», vamos tentar descrevê-lo, se é que de tanto seremos capazes.

Trabalham no Pôrto de Lisboa, 3.900 homens das seguintes profissões: Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar, Estivadores, Trabalhadores do Tráfego, etc.

Trabalham 3.900 é um modo de falar, porque, de facto, o número dos que trabalham em cada dia varia conforme as necessidades. Se há dias em que todos juntos não chegam, quasi sempre só uma parte deles vai trabalhar. Tudo depende do número dos barcos que entram e saem e da carga ou descarga que fazem. E como tudo isto é contingente, raras vezes se pode pre-

ver quantos homens serão precisos para o trabalho.

Foram-se organizando assim, com o decorrer dos tempos, várias «faixas» de trabalho, se assim as podemos chamar, junto dos locais em que haveria possibilidades de se encontrar um salário. E como seria provocar a maior desordem deixar à liberdade dos operários rater entre si o trabalho, nasceu espontaneamente a que começou a chamar-se «conto»: um representante da entidade patronal aproxima-se do grupo de homens que se veem oferecer todos os dias e dentre eles — procurando sempre fazer rateio — escolhe quantos precisa, para aquêle.

Com o desenvolvimento do pôrto e com o aumento do desemprego, os grupos foram aumentando, até que, em Dezembro 1940, por acôrdo e conveniência de patrões e operários, todos os «contos» se centralizaram no Cais de Sodré.

O «conto» inicia-se às 6,30 da manhã, dizíamos. E aquêles milhares de trabalhadores começam cedo a juntar-se por grupos e profissões, a pretender os primeiros lugares. Formam alas, grupos e ocupam toda a via pública, porque o «conto» faz-se em plena rua.

No verão — à parte as pragas e maldições que se trocam entre eles e os motoristas, que precisam de passar ali e que o não podem fazer sem destruir os formadores e os grupos — a coisa ainda escapa. Mas no inverno?

No inverno, às 6,30 da manhã é noite fechada ainda. A iluminação pública apaga-se uma hora antes do amanhecer. E o «conto» tem de fazer-se às escuras, isto é, com lâmpadas de bólo! Apesar da disciplina a que estes trabalhadores se vão habituando, fácil é de compreender a desordem e os inconvenientes de um tal sistema.

É de inverno chove. Faz frio. Está desagradável. E aquêles homens allêm de permanecer, a pé firme, suportando todas as intempéries e todos os rigores do tempo, uma hora e mais.

Eles ganham bem, é certo! Mas trabalham poucos dias por mês, de forma que o seu salário diário não tem sido afinal, em média, superior a 11\$00. Para quem é casado e tem filhos, tal salário não chega. Anda-se mal comido, mal agasalhado.

Mal alimentado, mal vestido, apañar água até aos ossos e, no fim, não ir trabalhar — a que acontece ordinariamente à maior parte — provoca constipações, gripes, pleuresias, pneumonias, etc., de tal ordem que são já hoje consideradas estas doenças pulmonares como a *doença profissional* (nome mal escolhido, porque não é a profissão mas o «conto» quem lhes prega estas partidas) dos trabalhadores do pôrto de Lisboa.

Sob o ponto de vista social e moral, o «conto» é uma verdadeira desgraça.

O operário que vai para o «conto» leva o seu farnel — porque não sabe se tem ou não de ir trabalhar. Mas, já que está cá fora, e porque às vezes se faz «contos» também mais tarde, fica por ali perto, vai para as tabernas, junta-se em locais de vício e recolhe a

(continua na 3.ª página)

No dia 18 de Maio, no Pôrto, grande concentração de operários!

Que todos se disponham a ir ao Pôrto prestar homenagem pública à doutrina Social da Igreja!

Haverá grandes descontos nos combóios! **Precisamos de ti no Pôrto!**

Na semana de 11 a 18 de Maio, em tôdas as terras do País, sessões de propaganda das Encíclicas.

Pedir temas de conferências para o jornal «O Trabalhador».



Um aspecto do «conto» nos meses de inverno.

devitáveis neste labutar um futuro mais justo e a visita foi rápida. Houve, duas reuniões que de animadas. Os rapazes de com uma noção mais do movimento e dos não se confina numa uma faceta da vida hu- diocese de Lisboa, Por- inteiro; abarca a vida . O Presidente Diocesano que em Tôrres Vedras vontade; há um núcleo ue com decisão e num asidade se vai entregando

DIRECÇÃO DIOCESANA
 O próximo dia 3 de Maio
 anual — será «um dia de
 militantes». Que nenhum
 perde — na Rua das Janelas

União Diocesana de Prest.
 Assuntos de muito inte-
 O. C. no Patriarcado de-
 os nesta reunião.

alizou-se, no passado, dia
 a inauguração oficial com
 emblemas aos rapazes a
 da freguesia de Olival
 Gaia), desta Diocese do

ssamente assistir a esta ce-
 ão. Dr. José Soares da
 Gomes Viana, respectiva-
 e Secretário diocesano

Soares da Rocha, na igreja
 is da bênção e imposição
 dirigiu aos rapazes uma
 o.

CAL

doentes, 2 a 40\$00 cada,

Atenção médica

Em Pevidém, 24; Moreira
 ; Nespereira, 18; Guina-

elétricos, 3.
 ções por este Sindicato e ope-

afe

para avisar todos os sócios
 o, que devem revalidar as
 o, na Secretaria deste Orga-
 nismo até ao dia 30 de Maio

o a este aviso acarretará
 o cumprimento a sua elimi-
 nação deste Sindicato, com a
 perda, dos seus direitos e

Obrigatória

ho de S. Ex.^a o Sub-Secre-
 do das Corporações e Previ-
 foram estabelecidas coti-
 dianas para os operários e
 que exerçam a sua profissão
 dente dos Sindicatos seguin-

Nacional dos Empregados de
Caixeiros do Distrito de Castelo
 em sujeitos ao pagamento
 de 5\$ mensais, todos os empre-
 ritórios, caixeiros de balcão,
 etc.

Nacional dos Empregados no
Distrito de Faro — Com a cota

Antes da mesma, o Assistente fez uma
 alocução aos rapazes, de um modo espe-
 cial áquelles que iam receber o seu em-
 blema, mostrando-lhes quais os deveres
 que tinham a cumprir daqui para futuro.

Os rapazes estavam animadíssimos e re-
 ceberam na lapela do seu casaco o sinal
 exterior de adesão á J. O. C.

Damos-lhe os nossos parabéns e ficamos
 pedindo a Deus para que se conservem
 sempre puros e saibam ocupar o lugar de
 Jocistas no meio da classe operária e de
 toda a sociedade, A' comunhão assistiram
 muitas pessoas.

« O Conto »

(continuação da 1.^a página)

casa a quando os que foram trabalhar.

O «conto», feito na rua, à luz do
 dia ou da noite, com chuva ou sem
 ela, na maior das balbúrdias e também
 das promiscuidades, porque há mu-
 lheres no «conto», deixando depois
 abandonados à taberna e ao vício os
 que não foram contados, é um sistema
 deprimente que não pode deixar de
 produzir maus resultados para todos.

Tudo isto poderia, porém, rápida-
 mente mudar com a boa vontade de
 todos.

A União dos Sindicatos dos Traba-
 lhadores do Pôrto de Lisboa acalenta
 um belo sonho de transformação radi-
 cal desta dolorosa situação.

No nosso próximo número desenvol-
 veremos a idea que anima os seus di-
 rigentes e procuraremos mostrar quanto
 seria fácil melhorar em muito o «conto».

«O Trabalhador», órgão dos operá-
 rios católicos e cristãos, jornal dos hu-
 mildes e dos desprotegidos, incansável
 combatente pela dignidade da pessoa
 do operário, sente-se contente por ter
 encontrado, nas Direcções dos Sindi-
 catos e da União, um grupo de operá-
 rios inteligentes e decididos que se
 mostram capazes de realizar grandes
 e belas coisas.

Podem elles contar connosco. Ter-
 nos-ão sempre a seu lado.

A hora é de quem sabe e quer
 realizar. A hora é de quem sabe e
 quer liquidar um passado deshonroso
 para o prestígio da dignidade humana
 e tem ideias e vontade para as fazer
 fructificar.

Contaí connosco.

O nosso sonho há-de ser uma reali-
 dade.

E até ao próximo número.

P. Abel Varzim

Para os 10.000

P. ^e Eleutério Caldeira	1
» Alcino Vieira	3
» Joaquim Correia	3
José P. Gonçalves	2
» Costa	1
Ricardo Correia	3
Miguel Fortuna	1
Secção Jocista de Setúbal	2
José Ribeiro	1
Manuel Pinto Júnior	1
Lino M. Alegre	1
José Costa	3
José Varzim	18
Manuel P. Lopes	2